

Prólogo

(1:1-18)

Os primeiros dezoito versículos do Evangelho de João constituem o que tem sido comumente denominado “Prólogo”. Alguns estudiosos acreditam que esta seção originalmente achava-se separada do restante do livro. Embora alguns comentaristas não vejam nenhuma correlação real entre o Prólogo e o restante do Evangelho de João, é mais provável que ele tenha sido escrito exatamente para preencher este espaço no texto, visando apresentar o Evangelho propriamente dito. Os argumentos em favor dessa conclusão apoiam-se nos paralelos entre o Prólogo e o restante do Evangelho, a saber:¹

| <i>Linguagem paralela</i> | <i>Prólogo</i> | <i>Restante de João</i> |
|---|----------------|-------------------------|
| a pré-existência do Verbo/Filho | 1:1, 2 | 17:5 |
| a vida estava nele | 1:4 | 5:26 |
| a vida era a luz | 1:4 | 8:12 |
| a luz resplandece nas trevas | 1:5 | 12:35 |
| a luz veio ao mundo | 1:9 | 3:19; 12:46 |
| Jesus não foi recebido pelos seus | 1:11 | 4:44 |
| nascido de Deus e não da carne | 1:13 | 3:6; 8:41, 42 |
| sua glória foi vista | 1:14 | 12:41 |
| o unigênito do Pai | 1:14, 18 | 3:16 |
| graça e verdade realizadas através de Jesus | 1:14, 17 | 14:6 |
| ninguém jamais viu a Deus, salvo aquele que vem de Deus | 1:18 | 6:46 |

O Prólogo não é apenas um prefácio do livro, como o que Lucas escreveu em seu Evangelho (Lucas 1:1-4). Assim como o prelúdio estimula o interesse pelo programa a ser assistido, o Prólogo prepara os leitores para os grandes temas que virão. Nos primeiros dezoito versículos, os temas apresentados no corpo do Evangelho incluem a ênfase de João em “vida” e “luz” (1:4, 5, 7-9); “testemunha” (1:7; veja 1:15); “mundo” (1:10) e “glória”, “graça” e “verdade” (1:14, 17). C. H. Dodd escreveu que o Prólogo é o “contorno do esqueleto... a ser preenchido com detalhes concretos do evangelho como um todo”².

Se o Prólogo serve como uma espécie de introdução ou esboço do restante da narrativa, é importante determinar seu tema central. Segundo alguns, a ênfase do Prólogo é que “o Verbo se fez carne” (1:14). A expressão “o Verbo”, usada somente quatro vezes no Prólogo (três vezes em 1:1) e não repetida em outros versículos de João, é um pensamento central do livro. Pode ser que o prólogo não seja tanto sobre o Verbo fazer-se carne, mas sobre a resposta dos seres humanos ao Verbo. Vários estudiosos chamaram a atenção para isso e citaram a análise literária quiástica de R. Alan Culpepper³. Um quiasmo é um estilo de escrita específico que usa um padrão repetitivo para dar ênfase. Quando examinamos o início e o fim do Prólogo e prosseguimos até a metade, certos paralelos se evidenciam. Essa análise faz de 1:12b (“deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”) o ponto central em torno do qual o quiasmo gira.

¹ Adaptado de John A. T. Robinson, *Twelve More New Testament Studies*. Londres: SCM Press, 1984, p. 68. As correlações da narrativa com João Batista foram excluídas.

² C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1953, p. 285.

³ R. Alan Culpepper, “The Pivot of John’s Prologue”, *New Testament Studies* 27. October 1980, pp. 1-31.

- A1: o Verbo estava com Deus no princípio (1:1, 2)
- B1: a criação veio a existir por meio do Verbo (1:3)
- C1: a vida estava no Verbo (1:4, 5)
- D1: João testemunhou a respeito da luz (1:6–8)
- E1: a luz veio ao mundo (1:9, 10)
- F1: os seus não o receberam (1:11)
- G1: todos quantos o receberam (1:12a)
 - H: *deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus (1:12b)*
- G2: os que creem nele (1:12c)
- F2: os quais nasceram de Deus (1:13)
- E2: o Verbo se fez carne, revelando glória (1:14)
- D2: João testemunhou a respeito do Cristo (1:15)
- C2: recebemos da graça de Cristo (1:16)
- B2: a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo (1:17)
- A2: o Verbo, que está com Deus, o revelou (1:18)⁴

Essa análise revela que a intenção do Prólogo é estimular os seres humanos a uma resposta de fé em Jesus, o Verbo que se fez carne. Consequentemente, o que João declarou a respeito do Verbo no desenvolvimento de sua narrativa demonstra que o Verbo se fez carne para que os seres humanos fossem feitos filhos de Deus. Isto condiz com a declaração do propósito de João de que as coisas que ele escreveu eram “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; e que, crendo tendes vida em seu nome” (20:31). O Prólogo, portanto, não é somente sobre o Verbo se fazer carne ou apenas sobre a resposta dos seres humanos, mas também e acima de tudo sobre o Verbo se fazer carne para que os seres humanos respondam com fé e, assim, tenham vida.

Embora a estrutura do Prólogo continue a ser objeto de debate, no que tange ao escopo deste comentário, ela se divide em cinco seções. Cada uma enfatiza algum aspecto do Verbo: o Verbo e Deus (1:1, 2), o Verbo e a Criação (1:3–5), o Verbo e João Batista (1:6–8), o Verbo Encarnado (1:9–14) e a Unicidade do Verbo (1:15–18). Essas seções incorporam a essência de todo o Evangelho e são desenvolvidas ao longo do restante do Evangelho. Ao contrário dos escritores sinóticos, João usou uma abordagem estritamente teológica, não biográfica ou histórica. João foi preciso tanto nos detalhes biográficos como nos históricos, mas seu propósito era escrever uma interpretação mais do que uma crônica. Ele apresentou Jesus como o Verbo que se fez carne, uma figura histórica; e ele forneceu evi-

⁴ Adaptado de Culpepper, p. 16.

dências contundentes de que essa figura é, de fato, o Cristo, o Filho de Deus. As evidências de João foram convincentes para ele e outras pessoas de sua época, e foram preservadas por gerações.

O VERBO E DEUS (1:1, 2)

¹No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. ²Ele estava no princípio com Deus.

Versículo 1. João começou expondo a relação do **Verbo** com a Divindade, incluindo a eternidade, personalidade e natureza do Verbo. Tanto já foi dito sobre o “Verbo” (*λόγος, Logos*), que parece quase desnecessário acrescentar algo; todavia, convém ressaltar algumas observações. *Logos* aparece quatro vezes no Prólogo (1:1, 14). Não se sabe se João usou *Logos* num pano de fundo grego, judaico ou outro. É igualmente difícil determinar exatamente o que João quis dizer com esse termo. Para os gregos, o termo denotava todo o domínio do pensamento, o princípio racional abstrato que subjaz o universo. Leon Morris observou que o uso de *Logos* em João seria amplamente reconhecido pelos gregos e que, mesmo desconhecendo seu pleno significado, o indivíduo comum saberia que se referia a “algo grandiosíssimo no universo”⁵. Entretanto, o Evangelho de João não parece refletir um pano de fundo grego por pelo menos duas razões. 1) Os gregos pensavam nos deuses como seres separados do mundo e bastante indiferentes ao estado de existência humana. 2) Não podemos ignorar que 1:1 chama a atenção imediatamente para Gênesis 1:1 (“No princípio”), ao passo que a ideia de “Verbo” chama a atenção para a repetida frase em Gênesis 1: “Então disse Deus”. Além disso, assim como Moisés, João usou as palavras “vida”, “luz” e “trevas”. Na mente judaica, o Verbo focava uma pessoa, não uma força impessoal abstrata. O Verbo é um agente eficiente para cumprir a vontade de Deus (veja Salmos 33:6), talvez “uma descrição de Jesus do [Antigo Testamento] que o designa como o sublime e último Revelador da sabedoria e do poder de Deus”⁶. Assim como as palavras re-

⁵ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 103.

⁶ Cleon L. Rogers Jr. e Cleon L. Rogers III, *The New Linguistic and Exegetical Key to the Greek New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1998, p. 175.

velam o coração e a mente de um indivíduo, Jesus revelou e explicou Deus (veja 1:18). Não importa o pano de fundo desse vocábulo, João estava fazendo uma alegação que judeus e gregos compreenderiam igualmente. Ele escolheu um termo de uso comum; mas o usou para se referir a um ser divino que é a expressão da vontade de Deus, o poder criativo e sustentador do universo (veja Colossenses 1:15–17).

Em primeiro lugar, João ressaltou a *eternidade* do Verbo (*Logos*): **No princípio**. Enquanto o Evangelho de Marcos começa com o batismo de Jesus e os Evangelhos de Mateus e Lucas começam com o nascimento de Jesus, o Evangelho de João traz o leitor de volta ao propósito eterno de Deus. A frase introdutória de João parece ser uma alusão ao primeiro livro da Bíblia hebraica, Gênesis, intitulado segundo suas palavras de abertura: “No princípio”. Gênesis começa com a criação e o Evangelho de João começa antes da criação. O Verbo já existia antes de tudo. A importância de “no princípio” se evidencia quando contrastada com “desde o princípio” em 1 João 1:1. Na carta joanina, destaca-se o que ocorreu desde o princípio; no Evangelho, declara-se que o Verbo estava lá no princípio.

A existência atemporal do Verbo é sublinhada pelo verbo **era** (ἦν, *en*), imperfeito de εἶμι (*eimi*), que significa “ser”. Neste contexto, o termo denota um ser imutável, eterno. É significativo que o vocábulo usado seja ἦν (*ēn*), que implica existência eterna, em vez de ἐγένετο (*egeneto*), que significa “vir à existência” (veja 1:3, 6, 14). O versículo 6 diz: “Houve [‘surgiu’, NVI; *egeneto*] um homem enviado por Deus cujo nome era João”. João Batista “veio” a existir, porém o Verbo “era” no sentido de existir eternamente. B. F. Westcott resumiu essa distinção assim: “...São João eleva nossos pensamentos para *além* do princípio e se detém naquilo que ‘era’ quando o tempo, e com o tempo o ser finito, iniciou seu curso”⁷. João mostrou que o Verbo existe por toda a eternidade e refutou a ideia de que Jesus era um ser criado (um falso ensino sustentado pelos antigos arianos, bem como por alguns grupos modernos⁸).

⁷ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 2.

⁸ Ário (início do quarto século) ensinou que Jesus e o Pai não possuem a mesma identidade de essência e que Jesus era um ser criado. Esse ensino é defendido hoje pelos Testemunhas de Jeová.

Em segundo lugar, João enfatizou a *personalidade* do Verbo: **O Verbo estava com Deus**. A preposição grega πρὸς (*pros*, “com”) pode sugerir a tradução “com Deus”, que indica acompanhamento, ou a tradução “em direção a Deus”, que mostra relacionamento. Esses conceitos são tão importantes que João repetiu a expressão em 1:2. O Verbo existia no princípio, e Ele existia no relacionamento mais íntimo possível com o Pai. A preposição *pros* é usada em passagens como Marcos 6:3, em que alguns ouvintes de Jesus, admirados, perguntaram: “E não vivem aqui *entre* nós suas irmãs?” (grifo meu). Merrill C. Tenney observou que essa preposição “implica associação no sentido de livre interação com os elementos de outra comunidade em condições de igualdade”⁹. O *Logos* e Deus não existem apenas lado a lado, mas estão em constante comunhão um com o outro. Isso mostra uma diferenciação entre os dois e refuta qualquer ideia que sugeriria que o *Logos* e Deus são idênticos (um falso ensino promovido pelos antigos sabelianos e por alguns grupos atuais¹⁰).

Em terceiro lugar, João examinou a *natureza pessoal* do Verbo: **O Verbo era Deus**. Nessa frase, a palavra grega para “Deus” (θεός, *Theos*) é empregada sem o artigo, diferente da segunda frase em que ocorre o uso do artigo. João aparentemente excluiu o artigo aqui, para não deixar “o Verbo” e “Deus” idênticos. Sem o artigo, a ênfase está na qualidade, indicando Deus como uma espécie de ser – a saber, Aquele que possui a própria essência da Divindade. Assim, a frase identifica o Verbo como sendo plenamente Deus¹¹, sem identificá-lo como Deus Pai (veja 1:14, 18).

Traduzir a sentença por “a Palavra era [um] deus”, como faz a *Tradução do Novo Mundo* (TNM)¹², é negar a eternidade da Palavra, ou seja, do Verbo. Esta tradução é teologicamente tendenciosa, e faltam estudos autênticos para apoiar essa ideia. Os tradutores alegam que deve ser essa a tradução da

⁹ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 64.

¹⁰ Sabélio (terceiro século) ensinou que a Divindade não é composta de uma pluralidade de Pessoas, mas de apenas uma Pessoa: Jesus, que se manifestou como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Este ensino é atualmente promulgado pelos Pentecostais Unidos.

¹¹ Veja 1:18; 20:28; Romanos 9:5; Filipenses 2:6; Tito 2:13; Hebreus 1:8; 2 Pedro 1:1; 1 João 5:20.

¹² *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, ed. rev. 1986. Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados das Testemunhas de Jeová.

frase porque não há no texto grego nenhum artigo antes de *Theos*. No entanto, os tradutores da TNM não seguiram essa regra arbitrária no mesmo contexto, em que *Theos* sem o artigo é traduzido por “Deus” com inicial maiúscula (veja 1:6, 12, 13, 18; TNM).

Em sua tradução da Bíblia, James Moffatt verteu a frase para “o Logos era divino”, que parece uma opção débil. Se João quisesse dizer “divino”, ele poderia ter usado o adjetivo θεῖος (*theios*); mas essa escolha não teria exprimido o significado almejado aqui pelo autor – até porque cristãos “se tornam coparticipantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4). João não disse apenas que há algo divino no Verbo/Palavra; ele afirmou que o Verbo/Palavra (Jesus) é Deus em Sua natureza. A versão inglesa *New English Bible* capta o verdadeiro significado desse Verbo quando diz: “O que Deus era, a Palavra era”.

Versículo 2. Ele estava no princípio com Deus. Embora este versículo nada de novo acrescente ao conteúdo do versículo 1, ele repete as ideias sobre a eternidade do Verbo e o relacionamento íntimo que o Verbo tem com o Pai. A repetição desses pensamentos enfatiza a grande importância do Verbo.

O VERBO E A CRIAÇÃO (1:3–5)

³Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. ⁴A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. ⁵A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

Versículo 3. Tendo estabelecido a relação entre O Verbo e a Divindade, João expôs a seguir a relação entre o Verbo e a criação. Se o *Logos* é o revelador da sabedoria e do poder de Deus, parece natural que João exponha o relacionamento do *Logos* com a criação. A exposição de João sobre a criação ocupa três versículos que destacam duas verdades sobre a criação em geral e a criação da vida em particular.

Na primeira verdade, que diz a respeito à criação em geral, João disse: **Todas as coisas foram feitas por intermédio dele.** Tudo veio a existir e deve sua existência ao Verbo (veja 1:10b). O verbo traduzido por “foram feitas” (ἐγένετο, *egeneto*) está no aoristo e indica que a atividade criativa foi um evento único (não em andamento), em contraste com a existência contínua do Verbo em 1:1, 2.

Todas as coisas vieram a existir “por intermédio” (διὰ, *dia*) dele, não “por” ele. O uso de “por intermédio de” em vez de “por” exprime a verdade de que o Pai é a fonte de todas as coisas, enquanto o Verbo agiu como agente na criação (veja 1 Coríntios 8:6; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2). Tanto o Pai como o Verbo atuaram na criação, mas o Pai criou por intermédio meio do Verbo.

É uma característica de João enfatizar um conceito particular, fazendo uma declaração afirmativa, seguida imediatamente pela mesma declaração na forma negativa. Sendo assim, depois de afirmar que todas as coisas foram feitas por intermédio dele, o autor deixou claro que sem o Verbo nada foi feito: **e, sem ele, nada do que foi feito se fez.**

Versículo 4. A segunda verdade que João expôs é o elemento-chave da criação, a saber, a criação da **vida** (ζωή, *zōē*). O vocábulo grego traduzido por “vida” é usado trinta e seis vezes no Evangelho de João, sendo que há mais de cento e trinta ocorrências dele em todo o Novo Testamento. Portanto, cerca de um quarto de todas as referências à vida encontram-se no Evangelho de João. Na maioria das vezes em João, “vida” se refere à vida eterna, e a palavra “eterna” (αἰώνιος, *aiōnios*) é usada dezessete vezes em João. (Mateus é o próximo na sequência, empregando o termo seis vezes.) Neste contexto, deve-se entender “vida” num sentido totalmente amplo da palavra. A vida está no *Logos*. O *Logos* tem o direito e o poder de dar “vida”, de tornar vivo (veja 5:21). Sem o *Logos*, não haveria vida. A vida não existe por si mesma, mas deve sua existência ao Verbo. Outra característica de João é o emprego de palavras com duplo sentido, e provavelmente “vida” se encaixa neste caso. O termo “vida”, além de ser aplicado a criaturas existentes em toda a terra, também engloba o que existe no plano espiritual. João regularmente associa o Verbo com a vida (veja, por exemplo, 3:16; 10:10).

O Verbo não é somente a personificação e a fonte da vida, ele também é a fonte da luz: **e a vida era a luz dos homens.** O próprio Verbo, que é a própria vida, é a única verdadeira “luz dos homens”. Assim como o primeiro resultado da atividade criativa de Deus foi a luz (Gênesis 1:3), toda a luz que a humanidade possui é resultado do Verbo.

Versículo 5. Neste versículo, João começa a falar das formas pelas quais o Verbo se manifestou. Depois de estabelecer que o Verbo é luz, ele ressaltou que **a luz resplandece nas trevas.** A ação elementar da luz (φῶς, *fōs*) é resplandecer nas trevas,

dissipar as trevas. Até este ponto, o texto estava no pretérito; mas agora muda para o presente, declarando que “a luz resplandece”. O Verbo, a luz do mundo, resplandece, brilha continuamente. A luz nunca cessa de brilhar “nas trevas”, uma referência ao ambiente maligno sobre o qual o diabo reina.

As trevas não prevaleceram contra ela é a tradução da próxima frase, na RA. O verbo grego καταλαμβάνω (*katalambanō*; “prevalecer”) também pode significar “prender” ou “vencer”. Outras versões optaram por: “derrotaram” (NVI); “suprimiram” (BJC) (veja 12:35). Portanto, a luz está resplandecendo num ambiente maligno, e esse ambiente é incapaz de derrotá-la. A resistência da luz às trevas e a incapacidade das trevas de vencer a luz é um tema vital em João.

O VERBO E JOÃO BATISTA (1:6–8)

6Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. 7Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. 8Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz.

Versículo 6. A luz resplandece num mundo de escuridão, o lamentável estado espiritual que serviu de cenário para **João** Batista entrar no palco. João, o autor do Evangelho, não usou a designação “João Batista”, talvez, por pensar que nenhum outro João poderia ser confundido com ele¹³. O autor fez distinções entre outras pessoas. Por exemplo, “Judas, não o Iscariotes” distingue o homem citado em 14:22 do traidor de Jesus; mas nenhum outro João além de João Batista é proeminente no livro. Segundo a tradição, a ausência de destaque de um outro João no Evangelho apoia a conclusão de que João, filho de Zebedeu, era o autor. João Batista é uma das pessoas mais importantes do Novo Testamento, sendo mencionado nominalmente cerca de noventa vezes. João 1:6–8 faz três observações sobre esse grande homem, com respeito a sua pessoa, sua obra e sua posição.

Quanto à sua pessoa, João era **um homem enviado por Deus**. Ele foi “enviado” como um representante autorizado e pessoal de Deus, assim como Moisés (Êxodo 3:10–15), os profetas (Isaías 6:8; Jeremias 7:25; 26:5; 35:15) e até mesmo o pró-

prio Jesus (3:17). Ao contrário de Cristo, que era Deus e homem, João era um simples “homem” – um ser humano, e não outro tipo de ser. Jesus é o Verbo eterno que se fez carne, enquanto João era meramente carne. A limitação de João por ser carne também é notada pela palavra **houve**. Ela aponta para um momento definido no tempo, em contraste com o Verbo, que sempre “era”, indicando existência atemporal (1:1, 2). “Houve” traduz γίνομαι (*ginomai*), a mesma palavra traduzida por “foram feitas/foi feito/se fez” (RA) três vezes em 1:3, enfatizando o ato de criar.

Versículo 7. No que diz respeito à sua obra, João **veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz** e levar as pessoas a **crer**. Em harmonia com o propósito de seu Evangelho declarado em 20:30 e 31, João almejou apresentar provas de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Para isso, deu sinais e chamou a atenção para o testemunho de várias fontes. O substantivo “testemunho” ou “testemunha” (μαρτυρία, *marturia*) é uma palavra-chave em João, ocorrendo catorze vezes em catorze versículos. O verbo correlacionado ocorre trinta e três vezes neste Evangelho, mas somente duas vezes nos Sinóticos (Mateus 23:31; Lucas 4:22). É evidente que tanto o substantivo quanto a forma verbal da palavra traduzida por “testemunha” eram termos importantes para João, que os usou mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Embora os Evangelhos Sinóticos falem da pregação de arrependimento de João, o Evangelho de João fala de João apenas como alguém que deu testemunho de Jesus. Apesar de João ser o “batizador”, as referências a sua obra de batizar parecem incidentais (veja 1:24–28, 31–33; 3:23; 4:1, 2); mas o Evangelho contém referências repetidas ao seu papel de testemunha (1:7, 8, 15, 19, 32, 34; 3:26, 28; 5:33).

O autor especificou o testemunho de várias testemunhas a respeito da divindade de Cristo: o Pai (5:31, 32, 34, 37; 8:18), o próprio Jesus (8:14, 18; veja 3:11, 32; 18:37), o Espírito (15:26; veja 16:14), as obras de Jesus (5:36; 10:25; veja 14:11; 15:24), as Escrituras (5:39; veja 5:45, 46), João Batista (5:33; veja 1:19–36) e várias testemunhas humanas (15:27; veja 19:35; 21:24). A testemunha ou o testemunho é um tema sério enquanto meio legal de se fundamentar uma verdade particular. João insistiu que havia boas evidências para o que ele declarou em seu Evangelho, e ele queria que seus leitores entendessem que suas declarações eram confiáveis.

¹³ A identificação “João Batista” é usada em todos os Evangelhos Sinóticos (veja Mateus 3:1; 11:11, 12; Marcos 1:4; 6:14; Lucas 7:20, 33).

Versículo 8. Quanto à sua posição, João Batista não era a luz, mas veio para que testificasse da luz. O contraste entre Jesus e João continua a ser enfatizado. William Hendriksen observou esse contraste da seguinte maneira:¹⁴

| <i>Jesús</i> | <i>João</i> |
|--------------------------------|---|
| “era” desde toda a eternidade; | “Houve (<i>ginomai</i>) um homem”; |
| é o Verbo; | era um mero homem; |
| é o próprio Deus; | foi comissionado por Deus; |
| é a verdadeira luz; | testificou da luz; |
| é o objeto da fé. | Juan fue el medio por era o <i>agente</i> , por cujo testemunho os homens passaram a crer na luz, Cristo. |

A posição de João em relação ao Verbo era de subordinação. Isso não diminui a grandeza de João. Mateus 11:11 afirma que, “entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista”; no entanto, João sempre apareceu num papel secundário. Embora cronologicamente (no sentido carnal) João tenha vindo antes de Jesus, o Cristo tem precedência sobre ele por ser o próprio Filho de Deus e a esperança da humanidade. A obra realizada por João foi importantíssima porque ele chamou a atenção das pessoas para a verdadeira luz, a única maneira de expelir o pecado do mundo.

O VERBO ENCARNADO (1:9–14)

9...a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem. ¹⁰O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. ¹¹Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. ¹²Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; ¹³os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. ¹⁴E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.

¹⁴ Adaptado de William Hendriksen, *O Evangelho de João*. Comentário do Novo Testamento. Trad. Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, pp. 107–08.

Versículo 9. A luz é a verdadeira luz. A palavra “verdadeira” vem de ἀληθινός (*alēthinos*), que significa “real, genuíno, autêntico”. William Barclay disse que outras luzes “eram faíscas da verdade; algumas eram visões vagas da realidade... que os homens seguiam e que os conduziam às trevas e os abandonavam ali”¹⁵. Em contraste com isso, o Verbo era a verdadeira luz, a luz genuína da qual todas as outras são meras cópias.

A luz veio ao mundo. A expressão **vinda ao mundo** poderia modificar a palavra “luz” ou a palavra “homem”; ambas são possibilidades gramaticais. A declaração pode ser sobre “todo homem vindo ao mundo” (NKJV) ou “a verdadeira luz... vinda ao mundo” (RA). O contexto de toda a passagem indica que era a luz vinda ao mundo. Em outras passagens, João não falou de pessoas “vindo ao mundo”, mas da luz (Cristo) vindo ao mundo (3:19; 12:46). A ênfase é que a luz agora estava entrando na história humana de uma nova maneira. Desse modo, embora João se referisse explicitamente à encarnação em 1:14, aqui ele insinuou isso ao mencionar a vinda da luz ao mundo. O Verbo era a verdadeira luz e estava vindo ao mundo – o que se encaixa ao início de 1:10, em que João disse: “O Verbo estava no mundo”.

A luz **ilumina a todo homem**. Não está claro o que João quis dizer com essa frase. Pode ser útil perguntar o que João não quis dizer. Considerando a totalidade do ensino bíblico, João não quis dizer que toda pessoa é literalmente iluminada. Isso seria equivalente à salvação universal e contrário ao fato de que João, no mesmo contexto, disse que “o mundo não o conheceu” (1:10). Além disso, as Escrituras são claras ao dizer que muitos se perderão (Mateus 7:13, 14). Talvez João estivesse dizendo que Deus se revelou a cada pessoa no sentido de uma revelação natural (Romanos 1:20). Assim como Paulo, João poderia estar afirmando que a graça de Deus, a qual traz a salvação, apareceu a todas as pessoas (Tito 2:11). Embora não se possa concluir exatamente o que significa a frase “ilumina a todo homem”, pode-se dizer definitivamente que a atividade do Verbo é o que ilumina a todo indivíduo.

Versículo 10. Em 1:9, João deixou claro que a verdadeira luz estava vindo ao mundo. Em 1:10,

¹⁵ William Barclay, *O Evangelho de João*. Comentário Bíblico do Novo Testamento. Tradução Carlos Biagini. São Paulo: p. 62.

João começa a descrever como o Verbo (a luz) foi recebido ao vir ao mundo, mencionando os que não o receberam e os que o receberam. Primeiramente, a exposição sobre os que *não receberam* o Verbo começa com a palavra “mundo” (κόσμος, *kosmos*). João deu ênfase à palavra grega *kosmos* usando-a três vezes em 1:10, sempre no início da frase. No primeiro uso, ele disse que **o Verbo [a luz] estava no mundo**, ou seja, no domínio habitado pelo homem. O verbo “estava” (ἦν, *ēn*) exprime a ideia de continuidade (veja os comentários sobre 1:1); Jesus não fez somente uma visita momentânea, ele estava no mundo continuamente. No segundo uso, João disse que **o mundo foi feito por intermédio dele**, indicando que o mundo deve sua existência ao Verbo (veja os comentários sobre 1:3). No terceiro uso, João disse que **o mundo não o conheceu**. João mudou o significado de “mundo” nesta terceira ocorrência. As duas ocorrências anteriores referem-se à terra e a tudo o que nela existe, enquanto esta se refere a pessoas. Consequentemente, entre os que não receberam o Verbo estavam os seres humanos em geral; estes não obtiveram o conhecimento intelectual de Jesus, nem chegaram a conhecê-lo em nenhum relacionamento correto. Isto é significativo em vista do fato de que o Verbo (a luz) veio para iluminar todas as pessoas (1:4; 8:12; 12:46).

Versículo 11. Jesus não foi rejeitado somente por pessoas em geral, mas também pelos seus em particular. João disse que o Verbo veio **para o que era seu** (εἰς τὰ ἴδια, *eis ta idia*). João poderia muito bem estar dizendo: “Jesus voltou para casa”. A mesma expressão é usada em 16:32 referindo-se à partida dos discípulos, cada um “para sua casa”, e também em 19:27, em que João respondeu ao pedido de Jesus na cruz levando Maria “para casa”. Quando o Verbo veio a este mundo, Ele não veio como um invasor; Ele não era um estrangeiro. Ele veio para sua própria casa. A expressão “o que era seu” se refere a Israel – tanto a terra quanto o povo que compunha a família de Deus. Isso reforça que o povo de Israel deveria ter conhecimento de Jesus, ou seja, de Sua vinda e de Suas alegações. Afinal, os judeus haviam desfrutado de muitas vantagens (veja Romanos 3:1, 2; 9:4, 5). Entretanto, João não disse que “os seus não conheceram” Jesus quando Ele veio, mas que **os seus não o receberam**. O verbo “receber” (παράλαμβάνω, *paralambanō*) pode se referir a dar boas-vindas ou acolher a uma pessoa. É usado para José ao tomar Maria como sua esposa

(Mateus 1:20, 24) e para Jesus, ao receber os crentes para si mesmo no céu (14:3). Este é o tipo de boas-vindas que Jesus deveria ter recebido quando voltou para casa; mas seu próprio povo, aqueles que deveriam estar reconhecê-lo, *o rejeitaram*.

Quando o Verbo veio ao mundo, o mundo não o conheceu; e quando o Verbo veio para os seus, os seus não o receberam. Por que o rejeitaram? João sugeriu algumas razões em seu Evangelho. 1) Alguns amavam as trevas mais do que a luz (3:19, 20). 2) Alguns tinham medo do que os outros pensavam (7:13; 9:22). 3) Alguns estavam mal informados sobre os fatos (7:40–43). 4) Alguns foram endurecidos pelas tradições judaicas (9:13–16). 5) Alguns amavam o louvor de homens mais do que o louvor de Deus (12:42, 43).

Versículo 12. Em segundo lugar, deve-se levar em consideração aqueles que *receberam* o Verbo. Enquanto alguns rejeitaram o Verbo, outros foram receptivos a ele. João não disse que ninguém respondeu à chegada do Verbo. Embora a maioria das pessoas não tenha respondido a Jesus, algumas o fizeram; e a redundante construção gramatical **todos quantos o receberam** destaca os que aceitaram Jesus. João descreveu os que receberam Jesus como os **que creem no seu nome**. Isso não quer dizer que todos os crentes são crentes autênticos (veja os comentários sobre 2:24, 25; 12:42, 43), mas os que o recebem são aqueles que demonstram sua fé através da obediência à vontade de Deus. Aos que genuinamente manifestaram fé em Jesus, ele **deulhes o poder de se serem feitos filhos de Deus**. A palavra “poder” vem de ἐξουσία (*exousia*) e não significa mera habilidade, mas “autoridade legítima e legal”. O privilégio e o direito dos que são receptivos a Cristo – “os que creem no seu nome” – consiste em “serem feitos filhos de Deus”. Esse direito ou privilégio não é inerente ao homem, mas é algo dado por Deus ao homem.

João usou o verbo πιστεύω (*pisteuō*), crer, noventa e oito vezes, mas nunca usou o substantivo da mesma família, πίστις (*pistis*). Esse fato parece sugerir que João queria que as pessoas entendessem que fé é ação; é algo que se faz. “Crer”, ou ter fé no sentido bíblico, é confiar em Deus, aceitar a Palavra de Deus. A fé é uma resposta à revelação de Deus; e embora a fé seja necessária para ser um filho de Deus, a mera crença é insuficiente. Muitos exemplos do que significa responder a Deus com fé podem ser dados (veja Hebreus 11). Os crentes autênticos têm o direito, o poder ou a liberdade de

ação para serem feitos filhos de Deus; pois, em sua fé, eles se submetem humildemente a tudo o que Deus lhes pede. O versículo revela tanto o aspecto divino quanto o humano para sermos feitos filhos de Deus. Faz parte da natureza de Deus dar. Toda dádiva boa e perfeita vem de Deus (Tiago 1:17). Ele deu sua graça para cada homem (Tito 2:11), e um aspecto dessa graça é o direito (“poder”) por ele concedido aos crentes de serem feitos Seus filhos.

Versículo 13. João descreveu os que são feitos filhos de Deus como os quais **nasceram... de Deus**. Esta verdade é apresentada detalhadamente na entrevista de Nicodemos com Jesus (3:1–21). Esse novo relacionamento de Pai e filhos se concretiza através de um nascimento, mas não um nascimento humano. Aqui, a importância de ser nascido de Deus é enfatizada pela comparação desse conceito com três descrições negativas a respeito da origem dos filhos de Deus.

1) O privilégio de ser filho de Deus **não vem do sangue**. Em outras palavras, não é produto de uma descendência física (“descendência natural”; NVI). No texto grego, a palavra traduzida por “sangue”, *αἱμάτων* (*haimatōn*), está no plural e significa literalmente “sangues”. Esse plural “tem sido explicado ou como a mistura de sangue de pai e mãe, ou como um símbolo da longa linhagem das gerações ancestrais de um indivíduo”¹⁶.

2) O nascimento dos filhos de Deus não se dá pela **vontade da carne**. O termo “carne” (*σάρξ*, *sarx*), que tem muitas conotações, neste caso se refere ao desejo sexual. Outras possíveis traduções seriam “desejo físico” ou “paixão humana”.

3) O novo relacionamento dos filhos de Deus não pode ser explicado pela **vontade do homem**. A palavra grega para “homem” é *ἄνθρωπος* (*anēr*), que se refere especificamente a um “homem”, sendo às vezes usada para um “marido”. A NVI traduz a frase por “vontade de algum homem”. Pode ter o mesmo sentido que “a vontade da carne”. Neste caso, refere-se à “iniciativa geralmente tomada pelo homem nas relações sexuais que resultam em procriação”¹⁷. Outra interpretação é que o significado mais geral de “vontade do homem” é “qualquer vontade humana”, isto é, “poder somente na

vontade do homem”.

Pode-se entender essas expressões tendo em vista a confiança dos judeus em sua origem carnal ou ancestralidade (veja Mateus 3:9). Os judeus tinham uma firme convicção de que Deus era favorável a eles por causa de quem eram seus “pais”. Essas expressões enfatizam que nenhum agente humano é nem pode ser responsável pelo novo nascimento proposto por Jesus. Pelo contrário, nesse novo relacionamento, as pessoas nascem “de Deus”. É Deus, e somente Ele, que pode conceder vida espiritual. Embora nascidos de Deus, isso acontece por meio do Verbo de Deus (veja Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23). Os detalhes desse nascimento são descritos particularmente em João 3:1–8.

Versículo 14. João já tinha feito alusão à encarnação quando falou em 1:9 da verdadeira luz “que veio ao mundo”. A seguir, ele disse que **o Verbo se fez carne**. João revelou o fato surpreendente de que o Verbo, que não é nada menos do que Deus, “se fez carne”. “Se fez” (*ἐγένετο*, *egeneto*) está no aoristo, indicando uma ação que ocorre em determinado momento. A mudança no verbo de 1:1 é reveladora. O versículo 1 fala da natureza eterna do Verbo, enquanto o versículo 14 fala de uma mudança de estado em relação ao mundo dos seres humanos. “Carne” vem de *σάρξ* (*sarx*) e enfatiza que o Verbo assumiu a natureza humana. João não se referiu à encarnação de maneira suave, dizendo “o Verbo se fez homem” ou “o Verbo assumiu um corpo”, mas declarou intrepidamente: “o Verbo se fez carne”. Em fins do primeiro século, um grupo denominado “docetistas” acreditava que Jesus só “parecia” ter vivido na carne. Jesus, para eles, era apenas um espírito ou uma ilusão enquanto estava nesta terra. Ao contrário disso, Jesus não “pareceu” simplesmente viver uma vida humana para evitar contaminar-se ao entrar em contato com a humanidade; Jesus realmente se tornou carne. João expressou isso bem em 1 João 1:1, quando escreveu que o Verbo da vida foi ouvido, visto, contemplado e apalpado. Ele ficou cansado e teve sede (4:6, 7); ficou profundamente comovido e chorou abertamente (11:33, 35). Sangrou e morreu (19:1, 30, 34). Tudo isso só podia se referir a nada menos que um ser de carne.

No versículo 14 há a primeira indicação no livro de que o Verbo e Jesus são um só e o mesmo. Até este ponto, o leitor poderia entender o Verbo como alguma “força” no universo; mas agora, sem dúvida, está claro que o próprio Verbo de Deus se

¹⁶ Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 33, n. 15.

¹⁷ Andreas J. Köstenberger, *John*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2004, p. 40.

fez carne. Ele se identificou com os seres humanos desde o nascimento até a morte. George R. Beasley-Murray o expôs desta forma: “O Logos ao se fazer σάρξ participou da fraqueza humana enquanto criatura (o significado característico de ‘carne’ na Bíblia)”¹⁸. Por que Jesus assumiu a forma de um ser humano? Ele se fez carne para se tornar *nosso* Sumo Sacerdote e ser o sacrifício pelos *nostros* pecados (Hebreus 2:17). Além disso, Jesus se fez carne para se compadecer de *nós* (Hebreus 2:18). Jesus foi tentado em todas as coisas, assim como *nós* (Hebreus 4:15). Ele não venceu a tentação somente porque era Deus. Se fosse esse o caso, ele não poderia ser um exemplo para *nós* (1 Pedro 2:21). Quando estava orando no jardim, Jesus quis ser poupado da crucificação iminente. Podemos ser gratos por Ele ter um desejo maior de cumprir a vontade do Pai (Lucas 22:42).

O Verbo **habitou entre nós**. O termo “habitou” vem de σκηνόω (*skēnoō*), que significa literalmente “armar a tenda”¹⁹. Comunica a ideia de alguém se mudar para uma localidade e ali fixar residência. Pode significar que a permanência de Jesus na terra foi temporária – uma existência corpórea real, mas temporária. Embora a estada de Jesus na terra tenha sido temporária, ele se mudou para a terra. Ele cresceu num vilarejo, foi trabalhar e sujou as mãos. Na Septuaginta (LXX), o substantivo da mesma família, σκηνή (*skēnē*, “tenda”), é frequentemente usado para o tabernáculo. Além disso, o verbo derivado, κατασκηνόω (*kataskēnoō*), é usado com referência ao tabernáculo onde Deus “habitava” entre o seu povo (Números 35:34; Josué 22:19). João poderia estar pensando que seus leitores, familiarizados com a LXX, se lembrariam do ensino do Antigo Testamento a respeito da presença de Deus que guiava seu povo. João estaria, então, sugerindo que a carne de Jesus era a nova localização da presença de Deus na terra; Jesus se fez o substituto do antigo tabernáculo.

A intenção de levar seus leitores a se lembrarem do tabernáculo parece evidente na referência em 1:14 à **glória** de Jesus, pois “glória” estava associada ao tabernáculo (Êxodo 40:34). A glória da presença do Senhor está ligada a *Shekiná*, que significa “habitação, morada”, e refere-se à habitação

de Deus no meio do seu povo²⁰. O corpo de Jesus era agora o local físico da presença divina. Deus veio habitar entre seu povo de uma maneira mais significativa – não em um tabernáculo, mas na carne. Era possível as pessoas tocarem em Jesus; as crianças podiam sentar-se no seu colo; as pessoas podiam comer com Ele, andar com Ele e falar com Ele. Ele era “Deus conosco” (Mateus 1:23). O Verbo é a revelação suprema da presença de Deus entre os homens.

João escreveu que **vimos** a “sua glória” indicando testemunhas oculares entre as quais o próprio João estava incluído (veja 1 João 1:1–3). O verbo “vimos” vem de θεάομαι (*theomai*), que significa “contemplar”. A palavra “teatro” da língua portuguesa deriva do substantivo θέατρον (*theatron*). Essas palavras gregas sugerem mais do que um olhar casual. Envolvem um longo e sério olhar com o objetivo de compreender a real significância do objeto observado. Jesus voluntariamente se fez disponível para ser questionado e examinado, e a conclusão dos que o examinaram meticulosamente se resume na palavra “glória”. Quando João e outros viram a glória de Jesus, eles viram sua majestade, dignidade e esplendor exibidos na sua carne – tanto em suas palavras como em suas obras.

Observar como a palavra “glória” é usada no Antigo Testamento nos ajudará a entender seu sentido aqui. Além da glória do Senhor encher o tabernáculo (Êxodo 40:34, 35), a glória do Senhor pousou no monte Sinai (Êxodo 24:16, 17) e apareceu durante as peregrinações no deserto (Êxodo 16:10). Essa glória se manifestou na dedicação do templo de Salomão (1 Reis 8:10, 11) e também se revelou aos profetas (veja Isaías 6:3). João estava bem ciente do ensino do Antigo Testamento sobre a glória de Deus, mas ele não repetiu simplesmente esses ensinamentos. Ele disse algo novo. Ele via a “glória” (δόξα, *doxa*) como um elemento importante na vida de Jesus. João usou esse substantivo e o verbo “glorificar” (δοξάζω, *doxazō*) mais do que qualquer outro escritor do Evangelho. Ele disse que ele e outros viram a glória da divindade de Jesus – **glória como do unigênito do Pai**. “Unigênito” vem de μονογενής (*monogenēs*), que significa “único”. Esta palavra enfatiza o relacionamento

¹⁸ George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 14.

¹⁹ No Novo Testamento, *skēnoō* aparece outra vez somente em Apocalipse 7:15; 12:12; 13:6; 21:3.

²⁰ Apesar de “Shekiná” não aparecer na Bíblia, o conceito da presença gloriosa de Deus habitante entre o seu povo ocorre em muitos textos (veja Êxodo 25:8; 40:34, 35; 1 Reis 6:13; 8:10, 11). Essa palavra é usada nos Targuns.

que o Pai tem com o Filho. Jesus é o único Filho de Deus; e embora nós, seres humanos, possamos ser filhos de Deus, nenhum outro pode ser o Filho de Deus como Jesus.

A glória da divindade de Jesus pôde ser vista de diferentes formas. 1) Ela foi vista nos sete sinais registrados por João e nos milagres citados nos outros Evangelhos. Jesus “manifestou Sua glória” quando realizou seu primeiro sinal em Caná, transformando água em vinho (2:11). 2) Foi vista em seu ensino. “As multidões” que ouviram o sermão do monte de Jesus “ficaram maravilhadas da sua doutrina” (Mateus 7:28). Certos oficiais relataram aos principais sacerdotes e aos fariseus: “Jamais alguém falou como este homem” (João 7:46). 3) Foi vista também no monte da transfiguração, onde Pedro, Tiago e João foram “testemunhas oculares da sua majestade”. Nessa ocasião, Jesus “recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória”, quando Deus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (2 Pedro 1:16, 17). Diferente dos outros escritores dos Evangelhos, João não descreveu o batismo de Jesus, apesar de ter sido uma das testemunhas oculares. Se João quisesse que seus leitores soubessem desse episódio, parece que ele teria dito algo sobre isso. João apresentou um retrato de algo novo, quando disse: “Vimos a sua glória”. Quando João falou da glória de Jesus, ele não fez nenhuma tentativa de focar em um único evento – nem mesmo na transfiguração. Além disso, ele não descreveu Jesus como uma pessoa superior, inacessível. Pelo contrário, ele apresentou Jesus como um servo obediente no decurso de sua vida, que foi finalmente glorificado em sua morte (veja 7:39; 12:16, 23; 13:31, 32) e exaltado à destra de Deus (Atos 2:33; 5:31).

A glória de Deus manifestada na pessoa de Jesus era **cheia de graça e de verdade**. 1) Jesus é cheio de graça. João usou a palavra “graça” (*χάρις*, *charis*) quatro vezes no Prólogo (1:14, 16 [duas vezes], 17) e não a usou novamente em seu Evangelho. “Graça” significa “boa vontade” ou “bondade” e comunica a noção que o favor demonstrado é imerecido. A graça de Deus não pode ser vista mais plenamente do que no Verbo que se fez carne.

2) Jesus é cheio de verdade. Geralmente a palavra “verdade” (*ἀλήθεια*, *alētheia*) denota o oposto de “falsidade” e é usada em João dessa forma (8:45), porém seu sentido parece mais abrangente. Jesus estava cheio de verdade; Ele anunciou a ver-

dade. Ele não era um falso messias, e sim o verdadeiro Messias. Ele não era uma sombra, e sim uma realidade. Ele era a própria verdade (14:6).

3) Jesus é cheio de graça e verdade. Quando João falou do Verbo como carne que se encheu de graça e verdade, ele deixou claro que essas virtudes estão interligadas. O Verbo não é graça somente, nem é verdade somente – o Verbo é graça e verdade. Elas não são mutuamente exclusivas. Contemplar uma sem a outra é ter uma visão desequilibrada do Verbo que se fez carne.

A UNICIDADE DO VERBO (1:15–18)

¹⁵João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim. ¹⁶Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. ¹⁷Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. ¹⁸Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.

Versículo 15. Os versículos 15 a 18 constituem a conclusão do Prólogo, na qual se expõe a unicidade de Jesus. Jesus é único por sobrepujar João Batista e Moisés. Ele é o revelador do próprio Deus. Porque 1:16 cairia muito bem após 1:14, alguns comentaristas já pensaram que 1:15 fosse um acréscimo. Tendo isto em mente, Raymond E. Brown disse:

João Batista faz esta declaração sobre Jesus em [1:30]. Hoje acredita-se que este versículo é um acréscimo ao hino original, um acréscimo do mesmo tipo que o dos vv. 6–8..., quebrando inapropriadamente [o fluxo de raciocínio de] os vv. 14 e 16.²¹

Todavia, este versículo não rompe o padrão de pensamento do Prólogo. D. A. Carson argumentou que seria melhor concluir que 1:15 é “uma observação parentética intencional”. Ele acrescentou:

A menção anterior do testemunho de João Batista (vv. 6–8) trata da vinda da luz preexistente ao mundo; esse versículo abandona aquele tema e baseia a glória da Palavra encarnada em um indivíduo concreto, um ‘ele’ concreto atestado por outro indivíduo. Assim, ele prepara o caminho

²¹ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (i–xii)*, The Anchor Bible, vol. 29. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966, p. 15.

para o relato detalhado do testemunho de João Batista, que vem logo depois do *Prólogo*.²²

A voz de **João** era mais do que uma testemunha. Ele **exclama** (κράζω, *krazō*) que é "...um termo rabínico técnico para a voz retumbante de um profeta que pretende ser ouvido"²³. A voz de João era a de um arauto que bravamente proclamava sua mensagem de maneira a exigir que o povo o escutasse e obedecesse. Sua missão sempre foi direcionar outros para Jesus; conseqüentemente, ele deu testemunho de Jesus ao destacar sua preeminência: **o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim**. Embora Jesus tenha aparecido depois de João, Ele realmente já existia antes dele. Como já foi observado, o Verbo, que se fez carne na pessoa de Jesus Cristo, existe desde toda a eternidade. A pré-existência de Jesus evidencia sua superioridade sobre João (veja 8:58; 17:5).

Versículo 16. João declarou: **todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça**. "Graça sobre graça" (χάριν ἀντὶ χάριτος, *charin anti charitos*) é uma expressão incomum e significa literalmente "graça em vez de ou no lugar de graça". Obviamente, João pretendia enfatizar o conceito de graça. A versão inglesa CEV, parafraseando 1:16, exprime bem o conceito: "Por causa de tudo o que o Filho é, recebemos uma bênção após a outra". Assim que uma bênção termina, outra a substitui. Deus derrama continuamente a sua graça, e o seu suprir jamais finda. A concessão de sua graça nunca é interrompida nem cessa. Jesus sempre foi bondoso, misericordioso, gracioso e benigno. Jesus cometeu um ato de bondade atrás do outro – tanto que se poderia dizer que uma de suas características era conceder favores aos seres humanos.

Versículo 17. Embora todo o *Prólogo* tenha sido percorrido acerca do Verbo, o nome **Jesus** aparece pela primeira vez em 1:17. Ele apresenta um contraste entre **Moisés**, o profeta de Israel, e Jesus Cristo, aquele como Moisés (veja os comentários sobre 1:21). Pode-se argumentar que João estava colocando **a graça e a verdade** contra **a lei** dada por intermédio de Moisés, como se dissesse que as

duas eram mutuamente exclusivas, sendo que a graça é um conceito do Novo Testamento. A "graça e a verdade" não surgiram com a nova aliança, mas também foram mencionadas explicitamente na antiga aliança (veja Êxodo 34:6; Salmos 86:15). A lei foi uma expressão da graça de Deus, visto que foi dada para o homem; mas embora fosse uma expressão do amor de Deus, era incompleta e, portanto, insuficiente para salvar o homem do pecado. No entanto, com a vinda do Verbo, cheio de graça e de verdade, o plano total da salvação foi revelado. Agora, os seres humanos têm tudo que é necessário para se apresentarem justos diante de Deus.

Versículo 18. Quando João disse que **ninguém jamais viu a Deus**, ele não contestou a possibilidade de pessoas terem testemunhado várias revelações de Deus, como suas aparições a Moisés (Números 12:8) e Isaías (Isaías 6:1–13). A palavra "Deus" é usada sem o artigo, dando ênfase à natureza ou essência de Deus e não só à sua pessoa. Segue-se, então, que ninguém jamais viu a essência de Deus. Embora ninguém tenha visto Deus dessa forma, **o Deus unigênito... o revelou**. Alguns textos gregos trazem "Filho unigênito" (μονογενῆς υἱός, *monogenēs huios*), enquanto outros têm "Deus unigênito" (μονογενῆς θεός, *monogenēs Theos*)²⁴. Conforme indicado na RA, a evidência textual favorece a tradução "Deus unigênito", isto é, o único que ocupa um relacionamento especial com o Pai (veja os comentários sobre 1:14). Com a chegada do Verbo, o Deus unigênito "o revelou". A palavra "revelou" vem de ἐξηγήσομαι (*exēgeomai*), que significa "explicar, interpretar, contar ou reportar" e deu origem a "exegese", que significa "tornar visível com autoridade". Embora o ser real de Deus nunca tenha sido visto pelo ser humano, Cristo agora nos deu um relato completo a respeito de Deus com autoridade de modo visível. Jesus é a explicação de Deus. Ele está totalmente qualificado para fazer essa revelação, pois **está no seio do Pai**. Esta declaração é semelhante às descrições de Lázaro no seio de Abraão (Lucas 16:22, 23) e do discípulo amado "conchegado a Jesus" na última ceia (João 13:23). É uma expressão que indica a proximidade do Pai e do Filho; denota amor mútuo e conhecimento entre o Pai e o Filho. Por

²² D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 131.

²³ Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 151.

²⁴ Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, p. 169.

causa da ligação íntima de Jesus com o Pai, ele foi capaz de mostrar como o Pai era. Jesus respondeu ao pedido de Filipe, “mostra-nos o Pai”, dizendo: “Quem me vê a mim vê o Pai” (14:8, 9).

Em 1:18, o que tem sido comumente chamado de “Prólogo” chega ao fim. A ênfase do começo ao fim foi que Jesus é o revelador e a explicação definitiva do próprio Deus. Carson observou que este tema é reforçado pelos paralelos entre 1:1 e 1:18, “constituindo uma *inclusio*, uma espécie de invól-

lucro literário que sutilmente abraça toda a seção de 1:1–18”²⁵. Esses paralelos podem ser vistos da seguinte forma: “No seio do Pai” e “com Deus”; “unigênito de Deus”, isto é, o único, e “era Deus” e afirmar que esse [Filho] único “revelou” Deus equivale a dizer que ele é “o Verbo” (a Palavra), o derradeiro revelador de Deus.

²⁵ Carson, p. 136.

Autor: David Lipe
© A Verdade para Hoje, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS